



Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia



SOCIEDADE BRASILEIRA DE MASTOZOOLOGIA
WWW.SBMZ.ORG

PRESIDENTES DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE MASTOZOOLOGIA

Presidente:	Cibele Rodrigues Bonvicino	1985-1991	Rui Cerqueira Silva
Vice-Presidente:	Alexandre Reis Percequillo	1991-1994	Dalva Mello
1º Secretário:	Marcelo Weksler	1994-1998	Ives José Sbalqueiro
2º Secretário:	Ana Lazar Gomes e Souza	1998-2005	Thales Renato Ochotorena de Freitas
1º Tesoureiro:	José Luís Passos Cordeiro	2005-2008	João Alves de Oliveira
2º Tesoureiro:	Diogo Loretto Medeiros	2008-2012	Paulo Sérgio D'Andrea

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBMz.

**As Normas de Publicação encontram-se disponíveis em
versão atualizada no site da SBMz: www.sbmz.org.**

Ficha Catalográfica de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2).
Elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Sociedade Brasileira de Mastozoologia.
Boletim.
São Paulo, SP.
Quadrimestral.

Continuação de: Boletim Informativo. SBMz, n.28-39; 1994-2004;
Boletim Informativo. Sociedade Brasileira de Mastozoologia,
n.1-27; 1985-94.

Continua como:
Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia, n.40,
2005- .

ISSN 1808-0413

1. Mastozoologia. 2. Vertebrados. I. Título

“Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n° 10.994, de 14 de dezembro de 2004”.

Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL

São Paulo, número 70, Agosto de 2014

EDITORES

Erika Hingst-Zaher (Instituto Butantan)

Lena Geise (UERJ)

EDITOR EMÉRITO

Rui Cerqueira Silva (UFRJ)

EDITORES DE ÁREA

- Anatomia:** Oscar Rocha-Barbosa (UERJ) e Marcus Vinicius Vieira (UFRJ).
- Biogeografia:** Ana Paula Carmignotto (UFSCAR), Rafael N. Leite (INPA) e Luis Flamarion de Oliveira (MNRJ).
- Comportamento:** Eleonore Freire Setz (UNICAMP) e Carmen Alonso (UFPA).
- Conservação:** Leonardo Oliveira (UFRJ) e Fabiano Rodrigues de Melo (UFG).
- Ecologia:** Mauricio E. Graipel (UFSC) e Marco Mello (UFMG).
- Evolução:** Jorge Salazar-Bravo (Texas Tech University) e Pablo Gonçalves (UFRJ).
- Fauna:** Alexandra R. Bezerra (Fiocruz), Leila M. Pessôa (UFRJ) e Diego Tirira (MECN).
- Fisiologia:** Ariovaldo Cruz-Neto (UNESP) e Ricardo T Santori (UERJ).
- Genética:** Albert Menezes (INCA) e Larissa R. de Oliveira (UNISINOS).
- Paleontologia:** Joaquín Arroyo-Cabrales (UNAM), Mario Cozzuol (UFMG) e Gisele Lessa (UFV).
- Taxonomia:** Ricardo Moratelli (USNM), Hugo Mantilla-Meluk (Universidad de Quindío, Colômbia) e Alexandre Percequillo (ESALQ).

REVISORES

Os editores agradecem a colaboração dos revisores anônimos, cuja participação garantiu a qualidade da publicação.

O Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia (ISSN 1808-0413) é uma publicação quadrimestral da Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz), distribuído gratuitamente aos associados. Indivíduos e instituições que desejem informações sobre a inscrição na SBMz e recebimento do Boletim devem entrar em contato com sbmz.diretoria@gmail.com.

O desenho gráfico foi realizado por Airtton de Almeida Cruz, e a capa por Ana Lazar.

Mais informações disponíveis em: www.sbmz.org.

Capa: Preguiça-de-três-dedos (*Bradypus variegatus*), Rio Xingu, Altamira. Foto: Roberta Elise Silva (fonte: LEME Engenharia Ltda.). 03/09/2014.

Sobre a SBMz

A **Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz)** é uma sociedade científica, sem fins lucrativos, criada em 1985, com a missão de congregar, organizar e amparar profissionais, cientistas e cidadãos que atuam ou estão preocupados com as temáticas ligadas à pesquisa e conservação de mamíferos.

A **SBMz** tem como objetivo incentivar o estudo e pesquisa dos mamíferos, além de difundir e incentivar a divulgação do conhecimento científico desenvolvido no Brasil sobre os mamíferos. A **SBMz** também atua frente a órgãos governamentais, Conselhos Regionais e Federal de Biologia, e instituições privadas, representando e defendendo os interesses dos sócios, e atendendo a consultas em questões ligadas a mamíferos. Nossa Sociedade oferece e incentiva cursos de Mastozoologia em níveis de graduação e pós-graduação, além de conceder bolsas de auxílio financeiro para simpósios e congressos nacionais e internacionais. Além disso, ajudamos a estabelecer e zelar por padrões éticos e científicos próprios da Mastozoologia brasileira.

A **SBMz** foi fundada durante o “XII Congresso Brasileiro de Zoologia”, realizado em Campinas, em fevereiro de 1985. Desde então, a **SBMz** cresceu em número de sócios, e agora conta com congressos próprios bienais realizados nas diversas regiões do país, além do apoio e promoção de eventos regionais. Nossa sociedade conta com uma publicação própria intitulada **Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia**, com três números anuais, classificada como B3 pela CAPES na área de Biodiversidade. Além disso, nossa sociedade atualmente mantém conta com parceria com a SAREM (Sociedade Argentina para o Estudio de los Mamíferos), fornecendo aos sócios a revista Mastozoologia Neotropical. A **SBMz** financia a publicação de livros acerca de mamíferos brasileiros para ser distribuído gratuitamente aos sócios.

Fazemos parte da Rede Latino-Americana de Mastozoologia (RELAM), o que abre portas para cooperação com pesquisadores de 12 países latino-americanos que fazem parte da rede. Integramos o Fórum da *International Federation of Mammalogists* (IFM), e também temos cooperação com a Sociedade Brasileira de Zoologia e Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros, facilitando a participação em congressos destas sociedades e promovendo o intercâmbio de informação entre seus associados.

Fruto da criação e organização proporcionadas pela **SBMz** ao longo desses anos, atualmente o Brasil apresenta uma comunidade científica mastozoológica madura e conectada, que congrega profissionais trabalhando em organizações e instituições públicas e privadas por todo país.

Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia Uma publicação da SBMz

INFORMAÇÕES GERAIS

O **Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia** é um periódico publicado pela **SBMz** que tem como propósito funcionar como um meio de comunicação efetivo para a comunidade de mastozoólogos. O **Boletim da SBMz** publica artigos e notas originais, revisadas por pares, sobre temas relacionados à biologia de mamíferos.

Os manuscritos devem ser enviados por e-mail para bolsbmz@gmail.com, aos cuidados de Erika Hingst-Zaher e Lena Geise, e serão considerados para publicação seguindo o pressuposto de que os autores estão de acordo com os princípios éticos do **Boletim da SBMz** (ver os princípios no site da **SBMz**). O primeiro autor (ou o autor para correspondência) deverá assinar uma declaração formal de que todos os demais autores estão de acordo com a publicação do manuscrito no **Boletim da SBMz** (modelo disponível no site da **SBMz**).

Os critérios para publicação dos artigos e notas são a qualidade e relevância do trabalho, clareza do texto, qualidade das figuras e formato de acordo com as regras de publicação (ver regras no site da **SBMz**). Os manuscritos que não estiverem de acordo com as regras de preparação de manuscritos serão devolvidos aos autores sem passar pelo processo de revisão. As submissões são direcionadas pelos Editores aos Editores de Área, que os enviarão para pelo menos dois pares para revisão. Os Editores de Área retornam as revisões e recomendações para os Editores para a decisão final. Toda a comunicação será registrada por meio eletrônico entre os Editores e o autor correspondente. Pelo menos um dos autores deve estar em dia com as anuidades para que o manuscrito seja enviado para os revisores.

Os trabalhos devem seguir o **Código Internacional de Nomenclatura Zoológica**, e espécimes relevantes mencionados devem ser propriamente depositados em uma coleção científica reconhecida. Amostras relacionadas aos exemplares-testemunho (tecidos, ecto e endoparasitas, células em suspensão) devem ser relacionadas a seus respectivos exemplares. Os números de acesso às sequências depositadas no **Genbank** ou **EMBL** são obrigatórios para publicação. Localidades citadas e exemplares estudados devem vir listadas de forma completa, no texto ou em anexo, dependendo do número de registros.

Números Especiais: Também poderão ser publicadas monografias e estudos de revisão de até 350 (trezentas e cinquenta) páginas, individualmente. Como apenas um número limitado poderá ser publicado, os autores devem entrar em contato com os Editores previamente à submissão. Os números especiais seguem as mesmas regras de submissão e revisão dos artigos e notas. Considerando as despesas de impressão e envio, os autores serão solicitados a contribuir com R\$ 40,00 (quarenta reais) por página publicada.



Saccawinkee – um primata esquecido do Suriname

Fernando Dias de Ávila-Pires¹

¹ Professor (aposentado) do Museu Nacional, Rio de Janeiro e Pesquisador Titular (aposentado) do Departamento de Medicina Tropical do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. E-mail: favila@matrix.com.br

Resumo: Alguns animais mencionados por naturalistas viajantes nos séculos XVIII e XIX permaneceram no esquecimento ou somente foram redescobertos e redescritos após um longo tempo. Uma das razões foi a falta de precisão no registro original dos locais de coleta. Dentre estes está *saccawinkee*, figurado e descrito do Suriname por um oficial mercenário da Brigada Escocesa do exército colonial holandês, John Gabriel Stedman (1744-1797). Neste artigo discutimos sua identidade.

Palavras-Chave: Primatas; Suriname; Stedman; Zoogeografia; Animais esquecidos.

Abstract: *Saccawinkee* – a lost and forgotten primate from Suriname. Among the animals described by traveler-naturalists during the XVIIIth and XIXth Centuries, many remained forgotten, or were only rediscovered and identified after a long period of time. One of the reasons was the lack of accuracy in the identification of the collecting localities. Among those is *saccawinkee*, sketched and described from Suriname by a Dutch mercenary officer with the Scottish Brigade in the Dutch colonial army, John Gabriel Stedman (1744-1797). Its identity is here discussed.

Key-Words: Primates; Suriname; Stedman; Zoogeography; Forgotten animals.

Dos animais descritos por naturalistas viajantes que visitaram a América do Sul nos séculos XVIII e XIX, muitos permaneceram ignorados durante um longo tempo ou tiveram sua identidade discutida e existência duvidosa, só tendo sido redescobertos no século XX. Entre as razões para isso estão a imprecisão do registro das localidades de coleta por naturalistas viajantes e o transporte e introdução de animais e plantas de um continente para outro, especialmente nas colônias das nações europeias, com o objetivo de desenvolvê-las economicamente.

Somente no século XIX, com Alfred Russel Wallace e Louis Agassiz, a preocupação com o registro da distribuição geográfica precisa de animais e plantas começou a ser considerada importante.

Wallace (1852: 110), em um trabalho sobre primatas da Amazônia deixou clara sua preocupação. Mais tarde, tornar-se-ia famoso como um dos pioneiros da zoogeografia:

In the various works on natural history and in our museums, we have generally but the vaguest statements of locality. S. America, Brazil, Guiana, Peru, are among the most common; and if we have "River Amazon" or "Quito" attached to a specimen, we may think ourselves fortunate to get anything so definite: though both are on the boundary of two distinct zoological districts, and we have nothing to tell us whether the one came from the north or south of the Amazon, or the other from the east or the west of the Andes. Owing to this uncertainty of locality, and the additional confusion created by mistaking allied species from distant countries, there is scarcely

an animal whose exact geographical limits we can mark out on the map.

On this accurate determination of an animal's range many interesting questions depend. Are very closely allied species ever separated by a wide interval of country? What physical features determine [[p. 110]] the boundaries of species and of genera? Do the isothermal lines ever accurately bound the range of species, or are they altogether independent of them? What are the circumstances which render certain rivers and certain mountain ranges the limits of numerous species, while others are not? None of these questions can be satisfactorily answered till we have the range of numerous species accurately determined.

Agassiz (1867: 9), a bordo do navio que levou ao Brasil os membros da *Thayer Expedition*, advertiu seus companheiros de viagem sobre a necessidade de serem precisos ao registrarem as localidades de coleta:

Fifty years ago, the exact locality from which any animal came seemed an unimportant fact in its scientific history, for the bearing of this question on that of origin was not then perceived. To say that any specimen came from South America was quite enough; to specify that it came from Brazil, from the Amazons, the San Francisco, or the La Plata, seemed a marvelous accuracy in the observers. In the museum at Paris, for instance, there are many specimens entered as coming from New York or from Pará; but all that is absolutely known about them is that they were shipped from those sea-ports. Nobody knows exactly where they were collected.



John Gabriel Stedman (1744 – 7 March 1797) nasceu em Dendermonde, na Holanda, filho de um oficial escocês. Entrou para o exército e foi enviado, com o posto de capitão, para o Suriname, então Guiana Holandesa, onde serviu por cinco anos. Suas memórias foram publicadas em 1796, após seu regresso. Seu editor, Joseph Johnson contratou William Blake para reproduzir os esboços originais de Stedman, que se perderam. As pranchas de Blake estão no Victoria and Albert Museum, em Londres.

Uma das pranchas representa *The Quato and Saccawinkee monkeys* (Nº 2007BM3228-01). *Quato* é o coaitá, *Ateles* spp. A dúvida é a identidade do *Saccawinkee* (Fig. 1). Linnaeus (1766: 41) listou *sakkawinkee* de Bancroft, da *Guiana*, como *Simia pithecia*. Na monografia sobre os mamíferos de Suriname, Husson (1978: 233) mencionou o livro de Stedman, porém não discutiu a identidade do sagui da figura original. Listou *Saguinus midas midas* (Linnaeus, 1758) como *sakkawinkee*. Posteriormente, Husson (*com. pess.*) afirmou não ter ideia da identidade do *saccawinkee* descrito e esboçado por Stedman.

Hershkovitz (1977) em sua monografia dos Callitrichidae não mencionou *saccawinkee*, nem listou Stedman na bibliografia. Em 1987 identificou *saccawinkee* como *Callithrix jacchus jacchus* importado do Brasil.

Veres (2012: 1) afirmou ser *Saguinus midas* a única espécie do gênero em Suriname e também não mencionou Stedman na referências bibliográficas de sua tese. O mesmo acontece com os autores que, nos últimos anos, descreveram a fauna de primatas de Suriname.

No segundo volume da edição de 1813, Stedman descreveu e ilustrou *saccawinkee* como:

Of the long-haired monkeys, the saccawinkee is the smallest; indeed, I may say of all the monkeys in Guiana, if not in the world, being not much larger than a Norway rat. This is a beautiful little animal, with blackish grey frizzled hair, a white face, and very bright shining eyes; its ears are large and naked, yet they are not very perceptible, being covered by the very long and white whiskers that grow round the whole visage of this little creature: its feet are not unlike those of a squirrel, and its tail is bushy and annulated. So very delicate is the saccawinkee, and so sensible of the cold, that scarcely one of them is brought to Europe alive, and if they are they very soon pine and die. The Dutch call them the shagarintee, from their being chagrined at the smallest trifle. In the annexed plate, I have delineated both those monkeys, the large quato, and the small saccawinkee, thus endeavouring to correct with my pencil the deficiency of my pen.

Um outro explorador de Suriname, Sebastian Albert Freherr von Sack, visitou a Guiana em 1805 e publicou seu relato de viagem em *Beschreibung einer Reise nach Surinam und des Aufenthaltes daselbst in den Jahren 1805, 1806, 1807 sowie von Rückkehr des Verfassers nach Europa über Nord-Amerika*, que teve uma tradução para o inglês em 1810.

Von Sack descreveu, os macacos que viu: *Of the long-haired monkeys, the saccawinkee is the smallest.*



Figura 1: Prancha de William Blake representando “The Quato and Saccawinkee monkeys”.

This is a beautiful little animal with blackish gray frizzled hair, a white face, and very bright shining eyes.

No Appendix acrescentou:

I have only seen one black Saccawinkee with a white face, and that had been just shot, and of which the skin had been promised me to stuff, but I never received it. This saccawinkee is about the size of a large cat, with long black hair, the face very flat, and covered with white short hair, the nose flat and the eyes deep; it would best answer to the name of saccawinkee, or Semia-mortis, which Linnaeus has given to another species. The tail of this animal was very tufted.

A descrição é de *Pithecia pithecia*.

Von Sack mencionou ainda que no livro de Stedman havia uma gravura e descrição de *White-eared, ring-tailed Saguin*, designação que se aplica a *Callithrix jacchus*. O erro de von Sack seria reproduzido por outros autores. E acrescentou:

However Captain Stedman might have seen one, that might have been brought from the Brazils, as sometimes, in particular circumstances, ships from thence will touch at Surinam in their passage to Europe; and perhaps it might likewise exist as near to the colony as Cayenne; nor are the marikina, the pinche, and the mico, natives of Surinam.

Corretamente afirma que os rios mais largos impedem a travessia de pequenos animais, que podem ocorrer em uma margem, mas não na outra.

Os saguis que correspondem aproximadamente ao esboço que aparece na obra de Stedman são *Saguinus oedipus* (Linnaeus 1758) e *Saguinus bicolor* (Spix, 1823), mas nenhum destes ocorre no Suriname.



AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Padre A.M. Husson, Rijksmuseum van Natuurlijke Historie, Leiden, já falecido, registro meus agradecimentos pelas discussões sobre a fauna de mamíferos do Suriname. Ao Professor Sérgio Lucena Mendes, do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Espírito Santo, pela leitura do manuscrito e sugestão para que eu o publicasse.

REFERÊNCIAS

- Agassiz, L and Agassiz EC. 1867. *A journey in Brazil*. Fields and Osgood, Boston.
- Bancroft, E. 1769. An essay on the natural history of Guiana in South America. Begert and De Hondt, London.
- Hershkovitz, P. 1977. *Living New World monkeys* (Platyrrhini). The University of Chicago Press, Chicago.
- Hershkovitz, P. 1987. A History of the Recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. In Patterson BD and Timm RM Studies in Neotropical Mammalogy: Essays in honor of Philip Hershkovitz. *Fieldiana, Zoology*, new series, 39: 11-98.
- Husson, AM. 1978. *The mammals of Suriname*. Brill, Leiden.
- Linnaeus, C. 1766. *Systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Editio duodecima, reformata*. Holmiae.
- von Sack, SA. 1810. *Beschreibung einer Reise nach Surinam und des Aufenthaltes daselbst in den Jahren 1805, 1806, 1807 sowie von Rückkehr des Verfassers nach Europa über Nord-Amerika. A narrative of a voyage to Surinam, of a residence there during 1805, 1806, and 1807 and the author's return to Europe by the way of North America*. 1810. Bulmer, London.
- Stedman, JG. 1796. *The Narrative of a Five Years Expedition against the Revolted Negroes of Surinam*. Transcribed for the First Time from the Original 1790 Manuscript. Joseph Johnson, London.
- Stedman, JG. 1813. Narrative of a five years Expedition against the Revolted Negroes of Surinam, in Guiana, on the wild coast of South America; from the year 1772, to 1777; elucidating the history of that country, and describing its productions vz. Quadrupedes, birds, fishes, reptiles, tree, shrubs, fruits, & roots; with an account of the indians of Guiana, & negroes of Guiana. By Cptⁿ. J.G. Stedman. Illustrated with 80 elegant engravings, from drawings made by the author. Joseph Johnson, Londres. 2 vols.
- Veres, MJ. 2012. The Saguwentje of Berg En Dal: A Census of the Golden Handed Tamarin in a Lowland Secondary Forest in Suriname. Thesis submitted to Kent State University, U.S.A.
- Wallace, AR. 1852. On the monkeys of the Amazon. *Proc.Zool.Soc.*, London: 107-110.



Consumo de frutos da jaqueira *Artocarpus heterophyllus* pelo cachorro-do-mato *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae)

Rafael Conceição de Moura^{1,2} & Alexandra dos Santos Pires¹

¹ Laboratório de Ecologia e Conservação de Florestas, Departamento de Ciências Ambientais, Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rodovia BR 465, km 07, CEP 23890-000, Seropédica, RJ, Brasil.

² E-mail: rafaelmourabiologo@gmail.com

Resumo: *Cerdocyon thous* é um carnívoro onívoro, que frequentemente utiliza frutos em sua dieta. Neste estudo é feito o primeiro registro do consumo de jaca (*Artocarpus heterophyllus* Lam.), uma espécie exótica e invasora no Brasil, por esse animal. As observações foram realizadas no Parque Nacional da Tijuca (PNT), Rio de Janeiro, através do uso de armadilhas fotográficas. O consumo ocorreu em duas ocasiões (outubro/2013 e abril/2014), tendo sido possível observar o descarte de sementes inteiras em uma delas. Estudos futuros deveriam considerar a importância desse fruto na dieta de *C. thous* no PNT e o papel desse animal na dispersão de suas sementes.

Palavras-Chave: Frugivoria; Armadilhas-fotográficas; Espécies invasoras; Mata Atlântica.

Abstract: Fruit consumption of jackfruit *Artocarpus heterophyllus* by the crab eating fox *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae). *Cerdocyon thous* is an omnivore carnivore, which frequently eat fruits. In this study we report the first record of consumption of jackfruit (*Artocarpus heterophyllus* Lam.), an invasive alien species in Brazil, by this animal. The observations were made in the Tijuca National Park (PNT), Rio de Janeiro, using camera trappings. The consumption occurred on two occasions (October/2013 and April/2014), and it was possible to observe the disposal of whole seeds once. Future studies should consider the importance of this fruit in the diet of *C. thous* in PNT and the role of this animal in jackfruit seed the dispersal.

Key-Words: Frugivory; Camera traps; Invasive species, Atlantic Forest.

Cerdocyon thous (Linnaeus, 1766) é um canídeo de médio porte (4,5-8,5 kg) com ampla distribuição no continente sul americano (Berta, 1982). Onívoro, se alimenta de pequenos mamíferos, invertebrados e frutos; oportunista sua dieta pode variar de acordo com a disponibilidade de alimento e estação do ano (Medel & Jaksic, 1988, Sillero-Zubiri, 2009). Neste estudo é feito o primeiro registro do consumo de jaca (*Artocarpus heterophyllus* Lam.) – uma espécie exótica e invasora no Brasil – na dieta deste animal, contribuindo para o conhecimento de sua dieta.

A jaqueira *A. heterophyllus*, pertencente à família Moraceae, é nativa das florestas tropicais da Índia onde ocorre entre 450 e 1600 metros de altitude (Elevitch & Manner, 2006). No Brasil é uma espécie exótica que possui hábito invasor na Mata Atlântica (Boni *et al.*, 2009; Abreu & Rodrigues, 2010; Zenni & Ziller, 2011). No Parque Nacional da Tijuca *A. heterophyllus* apresenta uma população estabelecida com um grande número de indivíduos em determinados setores do Parque (Abreu & Rodrigues, 2010).

A observação foi feita durante um estudo realizado para identificar as espécies de vertebrados que se alimentam dos frutos da jaqueira no Parque Nacional

da Tijuca (PNT, WGS84 22°57'47"S, 43°14'40"W – 465 metros de altitude), Rio de Janeiro, Brasil, e detectar aqueles envolvidos na dispersão e predação de suas



Figura 1: *Cerdocyon thous* consumindo um fruto de jaca (*Artocarpus heterophyllus*). Na foto é possível observar o descarte de uma semente após a ingestão da polpa.

Moura, R.C. & Pires, A.S.: Consumo de jaca por *Cerdocyon thous*



sementes. O monitoramento dos frutos – disponibilizados para os animais no chão da floresta – foi realizado de junho de 2013 a julho de 2014 utilizando cinco armadilhas fotográficas (Bushnell®) em pontos distintos do PNT. As armadilhas foram programadas para gravar vídeos de 30 segundos com intervalo de 10 segundos entre eles. O *C. thous* foi registrado em duas ocasiões distintas e em ambas as ocasiões ocorreram o consumo da jaca. O primeiro registro foi feito no dia 10 de outubro de 2013, entre 21:13 e 21:23 h, onde foram obtidos 14 vídeos. Nessa ocasião foi possível observar o animal abocanhando a casca externa para abrir o fruto, utilizando algumas vezes ambas as patas para auxiliar nessa função. O consumo do interior do fruto foi feito através da retirada de pedaços que continham mais do que uma semente, ou de uma única semente envolvida pelo mesocarpo. Durante o registro foi possível observar o descarte de sete sementes pelo animal no próprio local de consumo do fruto (Figura 1). Na segunda ocasião, no dia 03 de abril de 2014, foram obtidos três vídeos gravados entre 18:49 e 18:50 h. Nesse registro o animal consumiu partes do interior do fruto, não tendo sido observado o descarte das sementes.

Segundo Raíces (2012) sementes nuas (sem mesocarpo) possuem maiores chances de sobrevivência, uma vez que o mesocarpo possui forte e característico odor, muito atrativo para a fauna local. Além disso, a presença da polpa pode potencializar a ação de fungos e outros patógenos (Ohkawara & Akino, 2005). Dessa forma a remoção da polpa por *C. thous* poderia aumentar as chances de sobrevivência de algumas sementes. O conhecimento do hábito alimentar de uma determinada espécie é importante para entendermos vários aspectos, tais como, preferências de habitat, aspectos comportamentais e interações com outras espécies (Pedo *et al.*, 2006). A maioria dos registros de frugivoria em *C. thous* foi feita através da análise de amostras fecais (*e.g.*, Juarez & Marinho-filho, 2002; Cazetta & Galetti, 2009; Raíces & Bergallo, 2010) ou de conteúdo estomacal de (Rocha *et al.*, 2008). Este estudo mostra que o uso de armadilhas fotográficas pode complementar os demais métodos utilizados em análises de dieta. Pode ainda ser um aliado importante no entendimento do papel desse canídeo na dispersão ou predação de sementes de algumas espécies, em especial aquelas invasoras como a jaqueira. Estudos futuros deveriam considerar a importância desse fruto na dieta de *C. thous* no PNT e o papel desse animal na dispersão de suas sementes. Adicionalmente, uma vez que o PNT está realizando ações de controle das jaqueiras, seria interessante determinar que outros animais o consomem e qual a dependência que eles têm deste fruto.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (E-26/111.737/2012), Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (487091/2012-4) e Fundação Grupo O Boticário de Proteção à Natureza pelo apoio financeiro. À equipe do Parque Nacional da Tijuca pelo apoio logístico. À CAPES pela bolsa de estudos do primeiro autor.

REFERÊNCIAS

- Abreu RCR, Rodrigues PJF. 2010. Exotic tree *Artocarpus heterophyllus* (Moraceae) invades the Brazilian Atlantic Rainforest. *Rodriguésia* 61(4): 677-688.
- Berta A. 1982. *Cerdocyon thous*. Mammalian Species. Washington. 186: 1-4.
- Boni R, Novelli FZ, Silva AG. 2009. Um alerta para os riscos de bioinvasão de jaqueiras, *Artocarpus heterophyllus* Lam., na Reserva Biológica Paulo Fraga Rodrigues, antiga Reserva Biológica Duas Bocas, no Espírito Santo, Sudeste do Brasil. *Natureza on line* 7(1): 51-55.
- Cazetta E, Galetti M. 2009. The crab-eating fox (*Cerdocyon thous*) as a secondary seed disperser of *Eugenia umbelliflora* (Myrtaceae) in a Restinga forest of southeastern Brazil. *Biota Neotropical* 2(9): 271-274: www.biotaneotropica.org.br/v9n2/en/abstract?short-communication+bn02509022009.
- Elevitch CR, Manner HI. 2006. *Artocarpus heterophyllus* (Jackfruit), ver. I.IV. In: Elevitch, C.R. (ed.). Species Profiles for Pacific Island Agroforestry. Permanent Agriculture Resources. Honolulu, Hawaii. <www.traditionaltree.org>.
- Juarez KM, Marinho-filho J. 2002. Diet, habitat use, and home ranges of sympatric canids in central Brazil. *Journal of Mammalogy* 83: 925-933.
- Medel RG, Jaksik FM. 1988. Ecología de los cánidos sudamericanos: una revisión. *Revista Chilena de Historia Natural* 61: 67-79.
- Ohkawara K, Akino T. 2005. Seed cleaning behavior by tropical ants and its anti-fungal effect. *Journal of Ethology* 23(2): 93-98.
- Pedo E, Tomazzoni AC, Hartz SM, Christoff AU. 2006. Diet of crab-eating fox, *Cerdocyon thous* (Linnaeus) (Carnivora, Canidae), in a suburban area of southern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 3(23): 637-641.
- Raíces DSL. 2012. A influência de uma espécie exótica invasora, *Artocarpus heterophyllus* Lam. (jaqueira), sobre uma comunidade de pequenos mamíferos e sua interferência na dinâmica de dispersão de sementes nativas. Tese de Doutorado (Ecologia e Evolução). Pós-graduação em Ecologia e Evolução, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Raíces, D, Bergallo HG. 2010. Diet and seed dispersion of the crab-eaten fox, *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766) in Restinga de Jurubatiba National Park, Rio de Janeiro State, Brazil. *Neotropical Biology And Conservation* 5: 24-30.
- Rocha VJ, Aguiar LM, Silva-Pereira JE, Moro-Rios RF, Passos FC. 2008. Feeding habits of the crab-eating fox, *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae), in a mosaic area with native and exotic vegetation in Southern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 4(25): 595-600.
- Sillero-Zubiri C. 2009. Family Canidae (dogs). Pp. 352-446. In: Wilson DE, Mittermeier RA (Eds.), *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 1. Carnivores. Lynx Edicions, Barcelona.
- Zenni RD, Ziller SR. 2011. An overview of invasive plants in Brazil. *Revista Brasileira de Botânica* 3(34): 431-446.



Ecologia alimentar de *Saimiri sciureus cassiquiarensis* (Lesson, 1840) (Primates, Cebidae) em florestas de várzea da Amazônia Central

Michele Araujo
miaraujo.bio@gmail.com

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Universidade Federal do Pará e Museu Paraense Emílio Goeldi
Orientador: Helder Lima de Queiroz (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá)

Bolsista CAPES

Data de Defesa: 17 de março de 2014

Os primatas do gênero *Saimiri* se alimentam principalmente de frutos e insetos e sua dieta é considerada generalista. Apesar destes aspectos gerais da dieta de *Saimiri*, diferenças intraespecíficas podem ocorrer nos padrões de atividades de forrageamento do uso do espaço desses animais. Essas diferenças podem ser causadas pela distribuição e variação dos recursos alimentares, que são definidos por diversas variáveis ambientais. A ecologia alimentar de *Saimiri sciureus cassiquiarensis* foi investigada durante os períodos hidrológicos de água baixa (outubro, novembro e dezembro de 2012) e água alta (maio, junho e julho de 2013), em ambientes de várzea da Amazônia Central. Os métodos de varredura instantânea e amostragem de todas as ocorrências foram usados para coletar os dados sobre o comportamento de forrageio e a dieta de unidades sociais de macaco-de-cheiro. A amostragem completa foi de 175 horas e 51 minutos de observação (em 30 dias, distribuídos nos períodos hidrológicos de água baixa e alta). O conteúdo e a morfologia de nove tratos gastrointestinais da espécie também foram analisados. Os espécimes estavam armazenados em coleções mastozoológicas, e são provenientes de florestas de várzea na Amazônia Central. Frutos e invertebrados foram os itens alimentares mais utilizados pelos macacos-de-cheiro durante o período de água baixa (45,6% e 44,8%), e durante o período de água alta (51,0% e 43,9%, respectivamente). O consumo de frutos, artrópodes e flores não diferiram significativamente entre os períodos hidrológicos e entre os meses de cada período. O total de 63 espécies vegetais foi consumido pelos animais nos dois períodos do estudo. Os apúis foram consumidos em maior frequência, *Ficus greiffiana* (15,7%), *Ficus mathewsii* (10,3%), *Ficus casapiensis* (6,6%), *Coussapoa nitida* (5,9%), seguida por *Strychnos guianensis* (4,8%) e *Caperonia castaneifolia* (4,6%). As espécies vegetais utilizadas estão distribuídas entre 29 famílias botânicas. Fabaceae, Moraceae e Myrtaceae foram as mais representadas neste estudo. Entre as presas capturadas pelos macacos-de-cheiro, foram registrados insetos, aranhas e pequenos vertebrados. Das presas que puderam ser identificadas, 66,7% eram insetos, 30,7% aracnídeos e 2,7% pequenos vertebrados (lagartos). Os animais passaram 47,4% do seu tempo, no período de água baixa, e 40%, no período de água alta, engajados em atividades de forrageio. As frequências dos comportamentos de forrageio, locomoção e descanso não diferiram significativamente entre os períodos do estudo. Já a atividade de interações sociais foi a única que apresentou diferença significativa entre água alta e a baixa ($t = -3,122$; $GL = 28$; $P < 0,004$). Todos os tratos gastrointestinais analisados continham em seu conteúdo material de origem animal e vegetal. O peso relativo de material vegetal correspondeu a 44,6 % do total, enquanto material animal representou 36,2 %, e o peso do material não identificado representou 19,1% do conteúdo total encontrado. As ordens de artrópodes mais frequentes nos tratos gastrointestinais foram Lepidoptera, Hymenoptera, Coleoptera, Odonata e Araneae. Sementes e fragmentos de frutos de apúis também estiveram presentes em todos os espécimes analisados. A dieta observada para *S. s. cassiquiarensis* em florestas de várzea na RDS Mamirauá foi principalmente frugívora-insetívora, bem assim como o encontrado nos tratos gastrointestinais. Este padrão, frugívora-insetívora também foi encontrado para *Saimiri collinsi* em áreas de terra firme na Amazônia Oriental. As espécies de *Ficus* estiveram presentes na dieta dos animais nos dois períodos, independente do padrão fenológico da floresta, devido a estável oferta de frutos que os apúis forneceram nos dois períodos hidrológicos. Os apúis são considerados recursos chave para estes primatas, especialmente em períodos de escassez de frutos na área de estudo. O orçamento de atividades observado foi bastante semelhante ao de outros estudos com o gênero. Em geral, os dados aqui apresentados para *S. s. cassiquiarensis* evidenciam que as espécies vegetais usadas na dieta dos animais nas várzeas são diferentes daquelas registradas nos demais estudos realizados em outros ambientes na Amazônia Brasileira. É evidente a plasticidade dos macacos-de-cheiro, sendo capazes de se adaptar e contornar as limitações do ambiente, como as mudanças de recursos ao longo dos períodos hidrológicos, e assim mantendo um constante padrão alimentar, ainda que variando a composição da dieta.



Morcegos (Mammalia, Chiroptera) em Refúgios Diurnos Artificiais na Região Sudeste do Brasil

Theany Biavatti
tbiavatti@gmail.com

Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Instituto de Biologia, Depto. de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Orientador: Carlos Eduardo L. Esbérard

Bolsista CAPES

Data de Defesa: 02 de junho de 2014

Ambientes urbanizados apresentam diversas construções que podem ser utilizadas como refúgio por quirópteros. Refúgios são fundamentais para o desenvolvimento dos morcegos e para que ocorram interações sociais entre os membros das colônias, além de serem utilizados como abrigos contra predadores e para descanso. O presente trabalho teve como objetivo geral estudar morcegos que utilizam construções na região sudeste do Brasil, dando ênfase ao estado do Rio de Janeiro. No primeiro capítulo foi realizada uma revisão bibliográfica com objetivo de atualizar os registros de espécies que utilizam construções durante o dia no estado do Rio de Janeiro, elaborar uma lista dessas ocorrências para o sudeste do Brasil e verificar quais espécies coabitam. Foi possível identificar a ocorrência de 37 espécies utilizando construções na região, onde 24 delas coabitam. Além disso, esse estudo permitiu a identificação dos estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro como os que apresentam menor e maior número de amostragens em abrigos artificiais de morcegos, respectivamente. O segundo capítulo teve como objetivo geral o estudo de morcegos da espécie *Molossus molossus* que utilizam residências da Ilha da Marambaia, Rio de Janeiro, Brasil, como refúgio e analisar algumas características abióticas desses refúgios. Um total de 28 residências foi estudado entre março de 2012 e fevereiro de 2013, com a realização de uma a três amostragens em cada uma das residências. Foram utilizadas redes de neblina e armadilhas, com objetivo de comparar a eficiência das duas metodologias. Fatores como tamanho, luminosidade, número de acessos e temperatura interna dos forros das residências utilizadas como abrigo foram verificadas com objetivo de identificar a existência de padrão nos abrigos com maior número de indivíduos da espécie estudada. Deslocamentos de indivíduos entre os refúgios e o horário das capturas foram analisados. Não houve relação entre o número de deslocamentos e a densidade de indivíduos do refúgio, assim como não houve padrão nas características das casas ocupadas por maior ou por menor número de indivíduos da espécie. Sendo assim, outros fatores devem ser analisados para que as causas das ocupações e dos deslocamentos sejam identificados, como a umidade e a quantidade de guano no interior dos refúgios. Em refúgios com grande número de acessos, redes de neblina são mais eficientes na captura de *M. molossus*. Em abrigos com poucos acessos a armadilha é eficiente além de apresentar como vantagens o menor custo e a maior durabilidade. Os indivíduos de *M. molossus* apresentaram pico de atividade crepuscular e não apresentaram diferença no horário de atividade em relação às características da lua. O estudo contínuo em construções utilizadas por morcegos como refúgio é importante por permitir maiores conhecimentos sobre esses locais e sobre a biologia desses animais, o que permite o manejo adequado dos quirópteros em ambientes antropizados.



Conservação de morcegos no estado do Rio de Janeiro: como e onde já foram amostrados e que locais merecem atenção

Luciana de Moraes Costa
lucianamcosta@yahoo.com.br

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio Janeiro

Orientador: Carlos E. L. Esbérard (UFRRJ)

Bolsista FAPERJ

Data de Defesa: 11 de fevereiro de 2014

A demarcação de Unidades de Conservação é uma forma supostamente eficaz para a conservação da biodiversidade. A Mata Atlântica é caracterizada por apresentar uma elevada biodiversidade e altos níveis de ameaça. O estado do Rio de Janeiro encontra-se totalmente inserido nesse bioma e seus remanescentes florestais são considerados um *hotspot* dentro de outro *hotspot*. O Rio de Janeiro pode ser considerado um dos estados melhor amostrados, porém ainda existem lacunas de conhecimentos geográficos sobre a ocorrência de morcegos. Esta tese foi desenvolvida em três capítulos com o objetivo de contribuir com conservação de morcegos no estado do Rio de Janeiro, focando em como e onde eles já foram amostrados e que locais ainda carecem de atenção. Para este estudo foram utilizados dados referentes a buscas bibliográficas e dados de amostragens do Laboratório de Diversidade de Morcegos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No primeiro capítulo pode-se observar que as localidades com mais de 30 espécies de morcegos são resultado de grande esforço de captura e amostragens usando diversas metodologias. Para uma melhor amostragem da riqueza local, devem-se armar redes não somente em trilhas e próximas a árvores em frutificação, mas também sobre corpos de água. Fazer busca em refúgios diurnos também é aconselhável. Devem ser realizadas amostragens durante a noite toda e variar a fase do ciclo lunar, não restringindo a apenas uma ou partes das fases do ciclo lunar. No segundo capítulo observou-se que 43% das Unidades de Conservação aqui estudadas apresentam 20 ou mais espécies. Localidades que apresentam de 20 a 40 espécies de morcegos na Mata Atlântica podem ser consideradas bem amostradas. Isso demonstra que mais da metade das Unidades de Conservação não podem ser consideradas bem inventariadas. Muitos projetos de pesquisas dão prioridade para a localidade estudada ser uma Unidade de Conservação, porém existem poucos trabalhos de longa duração. No Rio de Janeiro ainda existem diversas Unidades de Conservação não amostradas, principalmente aquelas de difícil acesso e em altitudes elevadas. No terceiro capítulo foi possível observar que há uma maior proporção de espécies que apresentam distribuição geográfica restrita. Esse padrão constitui uma informação importante em termos de conservação, visto que indiretamente poderia indicar uma menor capacidade de dispersão desses animais em médias e grandes distâncias. Entretanto existem lacunas de conhecimento em decorrência da falta de amostragem em algumas regiões, sendo imperativos maiores esforços de captura. Importantes municípios para a conservação e/ou preservação de morcegos como Varre-Sai, Cambuci, Miracema, Carmo, Cantagalo, Valença, Barra do Piraí e Piraí não estão sob proteção legal, mesmo constituindo possíveis corredores entre Unidades de Conservação ou mesmo fragmentos importantes que ainda detêm espécies que não estão representadas em Unidades de Conservação já estabelecidas. É imperativo que mais estudos e esforços de conservação sejam direcionados para essas áreas.



Composição taxonômica da fauna de pequenos mamíferos não-voadores em diferentes ambientes da Mata Atlântica Costeira do Paraná

Cassio Marcelo Mochi Junior
cassiojrbio@hotmail.com

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná
Orientador: Liliani M. Tiepolo (UFPR)
Bolsista Protax CNPq
Data de Defesa: 24 de fevereiro 2014

A diversidade na Mata Atlântica faz parte de um contínuo de biodiversidade que se estende do México até o Sul do Brasil. Espécies endêmicas, tanto da fauna quanto da flora, fazem desse bioma um dos mais importantes componentes da diversidade global, mesmo sendo afetado pela fragmentação e devastação de suas poucas áreas preservadas. Tão diverso quanto a Mata Atlântica é o grupo dos pequenos mamíferos não-voadores, composto pelas Ordens Didelphimorphia e Rodentia. São relevantes na dinâmica das florestas e bons indicadores da qualidade ambiental. Buscando caracterizar essa variada fauna, o presente estudo realizou esforços em uma das maiores áreas preservadas de Mata Atlântica do Sul do Brasil, o Parque Nacional Saint-Hilare/Lange, que abrange os municípios de Matinhos, Paranaguá, Morretes e Guaratuba, todos localizados no litoral sul do Estado do Paraná, durante os meses de novembro de 2012 a outubro de 2013. Para a avaliação da riqueza foram utilizados os estimadores ACE, Chao2 e Bootstrap. Utilizamos uma Análise de Similaridade entre as áreas e entre o PNSHL e outras áreas da Mata Atlântica no Brasil por meio de inventários realizados por diversos autores. Utilizamos também o conceito de partição da diversidade em uma Análise Partitiva da Diversidade. Com esforço amostral de 3.674 armadilhas/noite, foram capturados 249 indivíduos de 17 espécies, sendo 10 de Rodentia (*Akodon cursor*, *Akodon montensis*, *Delomys sublineatus*, *Euryoryzomys russatus*, *Juliomys pictipes*, *Nectomys squamipes*, *Oligoryzomys nigripes*, *Oxymycterus dasytrichus*, *Oxymycterus judex* e *Thaptomys nigrita*) e 7 espécies de Didelphimorphia (*Didelphis aurita*, *Metachirus nudicaudatus*, *Micoureus paraguayanus*, *Monodelphis americana*, *Monodelphis iheringi*, *Monodelphis scalops* e *Philander frenatus*). O estimador ACE revelou uma riqueza de 19,13, valor maior que a riqueza observada, já Chao2 resultou em 16,28 e Bootstrap 16,66, resultados bem próximos do valor da riqueza observado. Pela Análise de Similaridade as áreas da Fazenda Niterói e do Rio Miranda foram mais similares. O PNSHL nos mostrou ser mais similar com áreas de Santa Catarina, do que São Paulo ou Rio de Janeiro, revelando que a Mata Atlântica Subtropical possui uma fauna com elementos comuns. Com este estudo, ampliamos o conhecimento mastofaunístico do litoral do Estado do Paraná para áreas de formação florestal submontana, encontrando alta riqueza de espécies de roedores e marsupiais em relação a outras formações de altitudes mais elevadas, um dado pouco abordado em toda a Mata Atlântica.



Os morcegos frugívoros *Carollia perspicillata* e *Sturnira lilium* apresentam distribuição de atividade similar durante a noite? Uma análise local e regional

Ayesha Ribeiro Pedrozo
ayesha.ribeiro@gmail.com

Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio Janeiro

Orientador: Carlos E. L. Esbérard (UFRRJ)

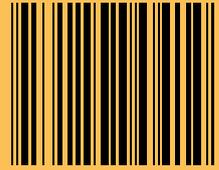
Bolsista CAPES

Data de Defesa: 02 de junho de 2014

A luminosidade da Lua e as diferenças na composição do habitat são alguns fatores que influenciam na atividade dos morcegos frugívoros. Estudos sobre a distribuição da atividade destes animais são importantes para conhecer como e quando esses animais forrageiam e alguns dos mecanismos que permitem a coexistência de espécies semelhantes. O presente estudo teve como objetivo analisar, em uma localidade, e entre localidades diferentes, a distribuição da atividade de *Carollia perspicillata* e de *Sturnira lilium* no estado do Rio de Janeiro. Cinco localidades com mais de 40 capturas destas espécies foram selecionadas: Reserva Biológica de Araras, Parque Natural Municipal Penhasco Dois Irmãos, Santuário da Vida Silvestre Serra da Concórdia, Ilha da Marambaia e Ilha da Gipóia. Os horários de capturas foram transformados em minutos após o pôr do sol. Um total de 707 capturas de *C. perspicillata* e 927 capturas de *S. lilium* foi analisado. Não foram encontradas evidências de influência da luminosidade da Lua na captura de *C. perspicillata* em nenhuma localidade. Para *S. lilium*, em duas localidades a luminosidade influenciou sua captura, possivelmente devido às características da vegetação mais aberta, resultando num maior risco de predação. As duas espécies mantiveram, em geral, atividade constante ao longo da noite, com pico entre as três primeiras horas da noite, o que pode ser devido à maior disponibilidade de recursos nesse período. A distribuição da atividade das duas espécies no decorrer da noite foi diferente em uma mesma localidade, sugerindo uma variação no nicho temporal que facilitaria a coexistência destas espécies nas diferentes localidades. Foi possível concluir que a atividade de ambas as espécies é maior no início da noite, podendo ocorrer picos de atividade adicionais após a metade da noite. A heterogeneidade espacial observada em cada localidade estudada, a diferença na disponibilidade de alimento, além na variação no nicho temporal, foram alguns dos fatores que facilitaram a coexistência destas espécies nestes locais.



Boletim da
Sociedade Brasileira
de Mastozoologia



ÍNDICE

NOTAS

- Saccawinkee* – um primata esquecido do Suriname
Fernando Dias de Ávila-Pires..... 17
- Consumo de frutos da jaqueira *Artocarpus heterophyllus* pelo cachorro-do-mato *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae)
Rafael Conceição de Moura & Alexandra dos Santos Pires..... 20

RESUMOS

- Ecologia alimentar de *Saimiri sciureus cassiquiarensis* (Lesson, 1840) (Primates, Cebidae) em florestas de várzea da Amazônia Central
Michele Araujo..... 22
- Morcegos (Mammalia, Chiroptera) em Refúgios Diurnos Artificiais na Região Sudeste do Brasil
Theany Biavatti..... 23
- Conservação de morcegos no estado do Rio de Janeiro: como e onde já foram amostrados e que locais merecem atenção
Luciana de Moraes Costa..... 24
- Composição taxonômica da fauna de pequenos mamíferos não-voadores em diferentes ambientes da Mata Atlântica Costeira do Paraná
Cassio Marcelo Mochi Junior..... 25
- Os morcegos frugívoros *Carollia perspicillata* e *Sturnira lilium* apresentam distribuição de atividade similar durante a noite? Uma análise local e regional
Ayesha Ribeiro Pedrozo..... 26

Remetente: Sociedade Brasileira de Mastozoologia
A/C Dr^a Cibele Rodrigues Bonvicino
Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios
Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz
Avenida Brasil, 4365, Pavilhão Lauro Travassos, Sala 70
21040-360, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Destinatário: